

Projetos superpostos

Vilém Flusser

Um projeto pode ser visualizado como rede que o intelecto lança sobre a sua circunstância a fim de modificá-la. Nesta imagem representam os fios da rede as regras pelas quais a circunstância deve modificar-se, e nos seus nós se cristalizam os fenômenos que representarão a realização do projeto. O projeto manda o que deve ser, (é imperativo), e a circunstância é o que é, (é indicativa). A realização do projeto é a síntese entre imperativo e indicativo, entre dever ser e ser, entre valor e realidade. Pela realização do projeto valores se realizam e realidades são valorizadas. Assim, projetando, injeta o intelecto valores na circunstância, na qual se encontra.

Tôda obra humana, quando analisada, revelará o projeto do qual é realização, porque é o projeto que lhe confere estrutura. Com efeito: a análise da obra visa, em primeiro lugar, descobrir o projeto, e, em segundo lugar, comparar o projeto com a obra, a fim de constatar o grau da realização alcançada. Mas acontece, às vezes, que a análise constata, no fundo da obra, vários projetos superpostos. Duas ou mais redes de regras foram lançadas sobre a mesma circunstância, a fim de valorizá-la. Se isto acontecer, torna-se dubio o critério do julgamento da obra. E torna-se mais dubio ainda, quando os valores dos projetos superpostos divergirem parcialmente, e a obra for resultado de projetos em conflito. Brasília é um exemplo gigantesco desta perplexidade do crítico em face da obra. O propósito do presente artigo é tomar Brasília como exemplo de obra resultante de projetos em parcial conflito.

Creio que tôda análise de Brasília, por superficial que seja, revelará pelo menos dois projetos fundantes. Restringirei o presente artigo a estes dois projetos. Em seguida descreverei a obra no estágio no qual se encontra atualmente. Finalmente, considerarei a perplexidade do crítico no caso.

Chamarei o primeiro projeto "geopolítico", e direi que consiste no seguinte: construir uma cidade no centro geográfico do Brasil, que sirva de elo entre norte e sul, de cabeça para a conquista do oeste, de capital administrativa, e de catalisador de uma nação em tomada de consciência de personalidade. Este projeto visa pois uma sistole e uma diástole do novo coração que bate no centro brasileiro. Na sistole seriam levados, para Brasília, os elementos humanos inaproveitados no nordeste, a fim de serem incorporados ao processo econômico e cultural, e os elementos pioneiros do sul, para tomar posse do hinterland gigantesco. Na diástole seriam lançadas artérias em tôdas as direções, a fim de articular o país e dar-lhe unidade orgânica eficiente. Não se trata, pois, de projeto que visa apenas construir uma cidade, mas de projeto que visa valorizar um país da ordem de grandeza de continentes.

Chamarei o segundo projeto "sócio-antropológico" e direi que consiste no seguinte: construir uma cidade em terreno isolado e virgem, que sirva de modelo para as cidades do futuro, que forme um ambiente justo e belo para uma comunidade, que estruture uma forma nova de vida social, e que propague o surgimento do "novo homem". Este projeto visa pois um paisagismo revolucionário, uma arquitetura ousada, uma organização de centros urbanos comerciais, administrativos, culturais, recreativos etc. inauditos, uma cultura habitacional de vanguarda, e uma concepção original de estratificação econômica, social e cultural dos habitantes. A meta do projeto é o homem do futuro, o qual, com a ajuda da mais moderna tecnologia, vive uma vida integrada, plena e produtiva.

Ambos os projetos são heróicos e empolgantes. O primeiro empolga pela visão grandiosa de

um país poderoso. O segundo pela visão de uma politeia platônica, de um Jerusalém terrestre, como solução dos problemas do homem da segunda metade do século vinte. Ambos projetos são discutíveis, mas indiscutível é o heroísmo de ambos. No entanto, são projetos parcialmente conflitivos. Porque o primeiro projeto é nitidamente tradicional, e os seus valores são os valores deste século e do século passado. E o segundo projeto é nitidamente visionário, e os seus valores são, ou pretendem ser, valores novos. A superposição de um projeto sobre o outro resultou na seguinte obra contraditória e gigantesca:

No infundável planalto, cinzento e árido, monótono e terrificante, com seus arbustos retorcidos e torturados, com seu sol impiedoso e seus horizontes vazios, ergue-se Brasília, a cidade lunar, a comunidade das cobaias. No seu centro um símbolo dominante, e insuperado em monumentalidade, mesmo se as pirâmides fossem tomadas como paralelo: a Praça dos Três Poderes. Símbolo portanto, não de divindade ou de humanidade, mas de um conceito setecentista administrativo. Uma pista triunfal, (o "eixo monumental"), liga o símbolo à estação rodoviária, templo da atualidade. O olho profético pode imaginar a pista repleta de massa delirante de homens do século 22 ou de marcianos (formigas gigantes das douradas). Por enquanto está vazia, margeada pelas caixas patéticas dos ministérios e cercada pelo labirinto asfáltico das avenidas sem cruzamento, que por ser asfáltico não deixa de evocar reminiscências cretenses. Creta, Egito, Babilônia, eis o "Leitmotiv" arcaico dessa glória colossal, mas certamente não Hellas. A Grécia, com sua insistência sobre a medida humana, (anthropos metron panton), está superada. Foi superada pelas dimensões sobre-humanas e trans-humanas. Mas os gregos consideravam "hybris" tal superação, e a Bíblia contém um trecho que têm a torre de Babel por assunto.

No futuro centro recreativo o Hotel Nacional forma um oásis que procura, com tetos baixos e muros altos, fazer esquecer a monumentalidade dos símbolos e o terror do chapadão lá fora. Um mundo em miniatura, uma espécie de foguete 2001, onde, em redor de uma piscina azul, é servido "buffet froid" a idosas mocinhas americanas com distintivos "Amazon explorer", a diplomatas, a políticos, e Coca-Cola a estudantes em excursão de Goiania e Belo Horizonte.

A cidade se expande para o oeste desses dois centros, mas é subdividida em dois aglomerados distintos. Um deles beira uma avenida tradicional (a W3), e consiste de casinhas coladas uma a outra que formam desenhos geométricos simples. O outro é composto de blocos de apartamentos que encerram pátios contendo escolas, lojas e centros recreativos. Os endereços em ambos aglomerados são indicados por números e letras reminiscentes de linguas de computadores. O iniciado no segredo dos endereços pode inferir desses símbolos a localização da morada, o nível econômico do morador, e a data aproximada da sua chegada. É perfeitamente imaginável que as crianças que nascem neste corajoso novo mundo já vêm rotuladas com estes símbolos que poderão inclusive aparecer hereditariamente nos peitos por mutação genética induzida. Mas felizmente os endereços são modificados periodicamente pela prefeitura, de forma que é muito difícil encontrar uma casa procurada. Os alfa, beta e gama da população brasileira habitam, obviamente, regiões convenientemente hierarquizadas, mas a estreiteza dos espaços habitados (em contraponto à vastidão da paisagem), não permite alienação associativa em nenhum dos níveis. A visão geral é de um formigueiro confortável, mas ligeiramente dilapidado, e evoca bairros nova-iorquinos e moscovitas, e localiza-se, em qualidade,

aproximadamente no meio dos dois centros do poder da atualidade. No seu extremo ambos bairros tocam a majestade do chapadão e tendem a infiltrar-se nele progressivamente.

Um lago artificial forma, com seu espelho azul, um contraste chocante contra o cinzento e pardo do planalto, um lago de água num mar de terra. Em tal ambiente, sem referência nem medida humana, ora parece ser muito grande, ora uma gota perdida. Em certa distância da cidade (perto ou longe?), surgiu outra, não projetada, mas consequência dos dois projetos. Uma cidade do Far West, humana, suja, miserável e cheia de vida, em suma: um descanso para os guerreiros e os olhos do visitante.

Eis a visão de Brasília como obra, não acabada, por certo, mas que seguramente não trará novas surpresas no curso de seu aperfeiçoamento futuro. A visão pode e deve ser completada pela audição, isto é: pelos depoimentos dos seus moradores. Mas estes depoimentos são dispensáveis para as finalidades limitadas deste artigo. Complaciam ainda mais a tarefa da crítica, conforme foi esboçada. O crítico já se acha suficientemente perplexo sem eles. E não pode escapar à tarefa, porque todos nós somos críticos de uma obra de tal envergadura.

O primeiro dever da crítica é fidelidade à obra. Aceitar seu projeto sem argumento. Não seria proveitoso argumentar que Leonardo deveria ter pintado pelo projeto de Giotto. Igualmente pouco proveitoso seria argumentar que o projeto geopolítico não deveria ter sido realizado, e que um outro projeto deveria ser realizado, ou que o mesmo deveria ter sido realizado em outro lugar ou tempo. Ou argumentar que o projeto sócio-antropológico é falso ou antipático por esta ou aquela razão, ou que sociedades não podem ser planejadas, mas devem crescer organicamente. Tal argumentação deve calar e a obra deve ser respeitada.

Mas aceite o projeto, é dever da crítica compará-lo com a obra realizada. Até que ponto Brasília realizou seus projetos, e em que pontos afastou-se deles? O crítico se vê incapacitado a responder a esta pergunta. Porque na medida na qual Brasília realizou o projeto geopolítico, afastou-se do projeto sócio-antropológico, e a cidade livre é disso prova. Essa cidade do Far West é o autêntico centro no sentido desse projeto. E na medida na qual Brasília realizou o projeto sócio-antropológico, afastou-se do projeto geopolítico, e a monumentalidade e o luxo dos edifícios públicos são disso prova. Desmentem, com seu cosmopolitismo futurista, e com o fardo econômico que representam, a tentativa de instaurar um centro em país em expansão e desenvolvimento. Possivelmente serão sintetizados os dois projetos em futuro distante. Mas essa síntese, se alcançada, certamente não terá sido projetada. Virá organicamente. Habent fata libelli, e têm seus destinos as sociedades, destinos estes por definição imprevisíveis.

Projetos ordenam. Mas projetos superpostos criam, pela superposição, um caos na ordem. Diante do caos a crítica fica perplexa. O melhor, em tal caso, talvez seja suspender juízo. Mas tal o impacto de uma obra desta grandeza, que a suspensão do juízo é falsidade. É preciso aderir a ela, ou opor-se a ela. E a adesão ou oposição será baseada, necessariamente, sobre critérios puramente subjetivos. Do tipo: gostaria de morar em Brasília, ou: antes morrer que viver em tal ambiente. E juízos deste tipo não são crítica em sentido disciplinado do termo.

Brasília, como tôda obra humana, é, entre outras coisas, uma obra de arte.

Talvez seja a maior obra de arte já realizada no Brasil. Deve ser criticada. O propósito deste artigo foi mostrar algumas das dificuldades que se opõem a essa tarefa.